

## RUA PAJÉ

Decreto nº 6876 de 08-01-1982, Artigo 1º, Inciso I, letra "e"

Formada pela rua 8 do Parque Dom Pedro II  
Início na rua Anajé

Término na divisa do mesmo loteamento  
Parque D. Pedro II

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Francisco Amaral. Protocolado nº 14.725/79 em nome da Sociedade Amigos do Bairro Parque Universitário e Adjacências de Viracopos.

## PAJÉ

Os fazedores de milagres existem desde o começo dos tempos, oferecendo à humanidade seus préstimos sobrenaturais. Ainda hoje são encontrados entre as populações selvagens, primitivas, rurais, como as citadinas, nos seus mais diversos meios sociais. Usam nomes diversos: curadores, feiticeiros, macumbeiros, mandingueiros, pajés. Os pajés fazem pejelança. Consta que os pajés das tribos brasileiras sempre tiveram grandes poderes: mágicos, oráculos, feiticeiros, curadores, dominam toda a tribo com suas artes, inclusive os caciques. Isto decorre, dentre outras causas, pelo fato de manterem relações secretas e misteriosas com os espíritos, que invocados por eles, manifestam-se para dar orientação, bons conselhos e recomendar remédios ou curas para os doentes ou feridos em combate ou caçadas. Osvaldo Orico, em seu "Vocabulário de Crendices Amazonicas" dá um retrato desse estranho e folclórico personagem: "Pajé - O médico, o padre, o oráculo, o depositário dos segredos do sobrenatural. Exerce, cumulativamente as funções mais variadas e delicadas. É ele quem sonda o mal examina a moléstia, quem descobre a causa e combina a receita. Aos seus olhos, experimentados e argutos, as menores coisas se revelam. Até mesmo as inexistentes criam proporções colossais, avolumam-se, encham de espanto o paciente, a família, a maloca, a tribo. Onde ele cisma, o mal aparece. Cria evidência. É prodigioso e terrível na persuasão. Tão grande como seu poder inventivo, só o poder curativo. A seu serviço estão todos os elementos da flora, da fauna, a natureza toda combinada em pussangas, mesinhas, garrafadas, banhos, amuletos. Inspirado e atuado por entidades estranhas, que lhe emprestam autoridade incontrastável, irrecorrível, absoluta, o pajé é uma necessidade imperiosa nos núcleos primitivos, o manipulador de uma tradição que sobrevive nos "passes" e nas "rezas" e em tudo que a crendice popular herdou dos nossos antepassados indígenas. Mistura de mago, de charlatão, de advinho, de conselheiro, representa um poder indiscutível, ante o qual se inclinam homens e mulheres."



# Diário Oficial do Município

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

ANO - X

Campinas, Terça-Feira, 12 de Janeiro de 1982.

N.º 2923

## PODER EXECUTIVO

### Gabinete do Prefeito

DECRETO N.º 6876 DE 08 DE JANEIRO DE 1982.

#### DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

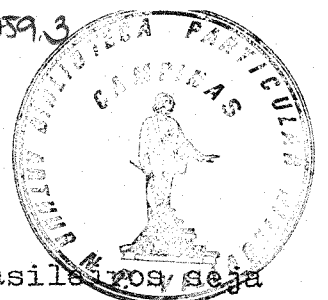
O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto - Lei Complementar Estadual N.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

#### DECRETA:

Artigo 1º. - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Município de Campinas:

- I - Parque Dom Pedro II;
- a - RUA GUARIBŪ, a Rua 3, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- b - RUA GRAVATAI, as Ruas 4 e 5, com início na Avenida 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- c - RUA CARIRI, a Rua 6, com início na Rua 1 e término na Rua 5 do mesmo loteamento;
- d) - RUA GUARACIABA, a Rua 7, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- e - RUA PAJÉ, a Rua 8, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- f - RUA GUARATUBA, as Ruas 9 e 10, com início na Rua 2 e término na Av. 2 do mesmo loteamento;
- g - RUA GARÁ, a Rua 11, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- h - RUA ITAOCARA, a Rua 22, com início na Rua 1 e término na Avenida 2 do mesmo loteamento;
- i - RUA TACIAI, a Rua 23, com início na Rua 20 e término na Rua 22 do mesmo loteamento;
- j - RUA GUASSŪ, a Rua 12, com início na Avenida 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- l - RUA TRAMANDAÍ, a Rua 13, com início na Rua 1 e término na Avenida 2 do mesmo loteamento;
- m - RUA HIRARA, a Rua 14, com início na Rua 1 e término na Avenida 2 do mesmo loteamento;
- n - RUA ITAIPAVA, a Rua 15, com início na Avenida 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- o - RUA IPOJUCÁ, a Rua 16, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- p - RUA IARA, a Rua 17, com início na Rua 2 e término na divisa do mesmo loteamento;
- q - RUA IGARA, a Rua 18, com início na Rua 2, e término na divisa do mesmo loteamento;
- r - RUA ITACOATIARA, a Rua 19, com início na Rua 1, e término na Avenida 2 do mesmo loteamento;
- s - RUA ITAPAGIPE, a Rua 20, com início na Rua 1 e término na Avenida 2 do mesmo loteamento;
- t - RUA ITAPERUNA, a Rua 21, com início na Avenida 1 e término na Rua 23 do mesmo loteamento.
- II - Parque Universitário de Viracopos - 1ª. Gleba:
- a - RUA ANATURI, a Rua 1, com início na Avenida Perimetral e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- b - RUA ABÁ, a Rua 2, com início na Rua 6 e término na divisa do citado loteamento;
- c - RUA CAUIM, a Rua 3, com início na Rua 6 e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- d - RUA CROATÁ, a Rua 4, com início na Rua 6 e término na Avenida 5 do citado loteamento;
- e - RUA CAMACÁ, a Rua 5, com início na Rua 6 e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- f - RUA ANEYRI, a Rua 6, com início na Avenida 4 e término na divisa do citado loteamento;

- g - RUA ANDIRÁ, a Rua 7, com início na Rua 6 e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- h - RUA ARESQUI, a Rua 8, com início na Rua 12 e término na Rua 7 do citado loteamento;
- i - RUA ARAGUAIA, a Rua 9, com início na Rua 12 e término na Rua 7 do citado loteamento;
- j - RUA AGUAPÉ, a Rua 10, com início na Avenida 4 e término na Avenida 4 e término na Avenida 6 do citado loteamento;
- l - RUA ABARÉ, a Rua 11, com início na Avenida Perimetral e término na divisa do mesmo loteamento;
- m - RUA ABAÇAI, a Rua 13, com início na Avenida Benedito Roberto Barbosa e término na Rua 12 do citado loteamento;
- n - RUA ABAETÉ, a Rua 14, com início na Rua 23 e término na Rua 13 do citado loteamento;
- o - RUA ABUNÁ, a Rua 15, com início na Rua 22 e término na Rua 20 do citado loteamento;
- p - RUA BATUIRITÉ, a Rua 16, com início na Rua 22 e término na Rua 20 do citado loteamento;
- q - RUA APIABÁ, a Rua 17, com início na Avenida Benedito Roberto Barbosa e término na Avenida 4 do citado loteamento;
- r - RUA CHAPECÓ, a Rua 18, com início na Rua 22 e término na Rua 20 do citado loteamento;
- s - RUA ATERLÁ, a Rua 19, com início na Rua 26 e término na Rua 21 do citado loteamento;
- t - RUA BORORÉ, a Rua 22, com início na Rua 26 e término na Rua 23 do citado loteamento;
- u - RUA BAMBUÍ, a Rua 23, com início e término na Rua 13 do citado loteamento;
- v - RUA CAIRŪ, a Rua 26, com início e término na Avenida 1 do citado loteamento;
- x - RUA ATIATI, a Rua 27, com início na Rua 26 e término na Rua 23 do citado loteamento;
- z - RUA BORÉ, a Rua 28, com início na Rua 31 e término na Rua 13 do citado loteamento;
- aa - RUA COATIARA, a Rua 29, com início na Rua 31 e término na Rua 13 do citado loteamento;
- bb - RUA CEARY, a Rua 30, com início na Avenida Benedito Roberto Barbosa e término na Rua 29 do citado loteamento;
- cc - RUA CARAUBA, a Rua 31, com início na Avenida Benedito Roberto Barbosa e término na Rua 26 do citado loteamento;
- dd - RUA ALAPA, a Rua 24, com início e término na Rua 13 do citado loteamento;
- ee - AVENIDA CAMUCM, a Avenida 5, com início na Avenida Perimetral e término na divisa do citado loteamento;
- ff - AVENIDA AGLAIA, a Avenida 6, com início na Rua 2 e término na divisa do citado loteamento;
- gg - AVENIDA SINIMBŪ, a Avenida Perimetral com início e término na Avenida 1 do citado loteamento.
- III - Parque Universitário de Viracopos - 1ª. Gleba, interligado com o Parque Dom Pedro II:
- a - RUA ANAJÉ, as Ruas 12 do Parque Universitário de Viracopos - 1ª. Gleba e 2 do Parque Dom Pedro II, com início na Avenida Perimetral do Parque Universitário de Viracopos - 1ª. Gleba, e término na divisa do Parque Dom Pedro II.
- b - RUA ARACI, as Ruas 20 do Parque Universitário de Viracopos - 1ª. Gleba e 1 do Parque Dom Pedro II, com início na junção das Ruas 19 e 21 do Parque Universitário de Viracopos - 1ª. Gleba e término na divisa do Parque Dom Pedro II;
- c - RUA ARUTANA, as Ruas 23 e 24 do Parque Dom Pedro II e sem número do Parque Universitário de Viracopos - 1ª. Gleba, com início na Rua 13 do Parque Universitária de Viracopos - 1ª. Gleba e término da Rua 20 do Parque Dom Pedro II;
- d - RUA ANHANGÁ, as Ruas 21 do Parque Universitário de Viracopos - 1ª. Gleba e 26 do Parque Dom Pedro II, com início na Avenida 1 do Parque Universitário de Viracopos - 1ª. Gleba e término na Avenida 2 do Parque Dom Pedro II;



Embora a classificação dos indígenas brasileiros seja um problema complexo e ainda não devidamente solucionado, pode-se no entanto dividir os índios em quatro grandes grupos: Tupis, Jês, Aruaques e Caraíbas.

Os Tupis tiveram seu centro de expansão no vale dos rios Paraguai e Paraná. Sua diretriz migratória foi a sul - norte. Beirando a Serra do Mar, estenderam-se pelo litoral brasileiro: caminhando pelo centro, chegaram até o Amazonas e a parte oriental da Guiana; e, subindo pelo vale do Paraguai, atingiram a Bolívia. Suas principais tribos eram os Tapes, no interior; Carijós, no litoral sul, chegando até Cananéia; Tupinambás e Tamoiós, no Rio de Janeiro; Temiminós, no Espírito Santo; Tupiniquins e Tupinambás propriamente ditos, Na Bahia; e Potiguares, no Nordeste. Existiam, ainda, tribos menores.

. . . . .

Os indígenas, com exceção das tribos do grupo Jês, conheciam a técnica da tecelagem, e com fibras vegetais teciam seus cestos (panacus e urus) e suas redes de dormir e de pescar. Construíam também jiraus para o depósito de objetos, bancos de assento, cercas e armadilhas para animais grandes - chamadas mundéus - e pequenos - as arapucas.

Eram amantes da música, que praticavam em festas de plantação e de colheita, nos ritos da puberdade e nas cerimônias de guerra e religiosas. Os instrumentos musicais dos Tupis eram o toró (flauta de taquara), o boré (flauta de osso), o mimbi (buzina) e o uai (tambor de pele e de madeira).

. . . . .

Em sua organização política os Tupis já haviam chegado à divisão de poderes: ao piaé ou pajé cabia o poder espiritual; ao tubixaba ou tuxauá, o temporal.

(Extraído de fls. 33 a 43, Capíto "O Indígena" da "Historia do Brasil", Vol. I, editada por Bloch E ditores, no Rio de Janeiro, em 1972, em homenagem ao 150º aniversário da Independência do Brasil).

(Denominação dada pelo Decreto 6876 de 08-janeiro-1982, ítem I, letra "e", à Rua 8 do Parque Dom Pedro II, com início na rua 2 do mesmo loteamento (atual Rua Anajé) e término na divisa do mesmo loteamento)



## LENDAS E MITOS

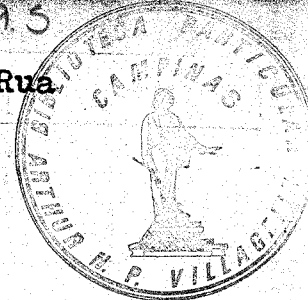
### *Feiticeiros, pajés & cia.*

Os fazedores de milagres, que vêm do começo dos tempos oferecendo à humanidade seus prestimos sobrenaturais, continuam ativos até nossos dias, tanto entre as populações selvagens, as primitivas, as rurais, como as citadinas e mesmo entre a grã-finagem. Usam nomes diversos: feiticeiros, macumbeiros, curandores, pais-de-santo, pajés... Os pajés fazem pajelanças. Diz Camara Cascudo em seu "Dicionário": "PAJELANCA — Ação do feiticeiro amazonico, que conserva o título nheengatu de "pajé". Cerimonial do pajé para alcançar formulas terapeuticas, tradicionais, por meio dos espiritos "encantados" de homens e animais. É um dos nomes limitados aos Estados do Pará e Amazonas. Conjunto de regras e atos do feiticeiro aconselhando, ditando regras de vida, vendendo remedios, amuletos etc (...). Na base de certas pajelanças está a zoolatria. Não são os orixás, nem os espiritos dos mestres catimbozeiros que descem, mas os animais. Caroanas, que se encarnam nos pajés para operar as curas. Baixam por uma corda imaginaria o jacare-finga, a mão-do-lago, a cobra-grande e outros bichos fantásticos. O pajé e os demais circunstantes bebem taliá (cachaça). No barracão onde se realiza o ritual ficam os doentes. O pajé pergunta ao bicho que nele se encarnou como curar este ou aquele mal. Se o bicho sabe, indica a puçanga, que é uma beberagem enfeitada, fazendo tambem o pajé benzeduras, passes magicos e defumações. Se, ao contrario, o bicho ignora, informa qual é o que entende do assunto e, então, o pajé o desencarna para encarnar o entendido, quase diria, o especialista".

Até hoje, naqueles dois Estados do Norte, os pajés gozam de imenso prestígio, são muito procurados para fazer suas pajelanças e distribuir suas puçangas.

(Do jornal "Folha de S. Paulo")

(Denominação dada pelo dec. 6876 de 08-01-1982, à Rua Oito do Parque Dom Pedro II)



### OS PAJÉS E OS MARACÁS

Conta Alfredo Brandão, em seu "A Escrita Pré-Histórica do Brasil": "Southey, falando dos maracás, diz que os pajés pretendiam que o espírito vindo dos confins do mundo lhes dava o poder deles responderem às perguntas e predizerem o sucesso.

Para reuniões evocativas, limpava-se a casa, excluíam-se mulheres e crianças, e apresentavam os homens com seus maracás adornados com penas vermelhas, a fim de que tivessem o dom da fala. Assentavam-se os pajés no topo da sala, tendo o próprio maracá erguido diante deles — perto ficavam os outros e cada homem dava o seu presente aos charlatães para que não fosse esquecido o seu. (...) Eram os maracás fumigados com petun, por meio de cana comprida; tomava-se então o pajé e mandava-se falar; parecia sair dela uma voz aguda e fraca, que os selvagens

acreditavam ser do espírito e os bonzos os mandavam ir à guerra e vencer os inimigos, pois os gênios que habitavam o maracá queriam ser satisfeitos com carne dos prisioneiros."

### Os bons espíritos caruanas

Os pajés das tribos brasileiras tinham grandes poderes: eram mágicos, oráculos, feiticeiros, curadores e dominavam toda a tribo com suas artes, inclusive os tuxauas, ou caciques. Principalmente porque mantinham relações secretas e misteriosas com os espíritos. Os mais importantes espíritos eram os caruanas, duendes benéficos os quais, invocados pelo pajé, manifestavam-se para dar orientação, bons conselhos e recomendar os remédios de que precisavam os membros da tribo doentes ou feridos em combates ou caçadas, e, mais especialmente, contra males feitos por outros.

Segundo a crença indígena, os caruanas são espíritos, fluidos, divindades invisíveis. Fazem sempre parte das pajelanças domésticas, ajudando o feiticeiro e esconjurando os malefícios e a endireitar a vida do cliente. No ritual indígena, os caruanas eram invocados ao som dos maracás e por entre espessa fumaceira dos tauaris que os pajés fumavam furiosamente. Assim, atuavam sobre os pajés, inspirando-lhes soluções para os problemas dos silvicultores, remédios etc. Osvaldo Orico informa que os caruanas desempenhavam, também, o papel de oráculos. Antes de empreendimentos importantes, os tauanas consultavam os pajés e estes invocavam os caruanas para saber como se deveriam conduzir os homens na empreitada.

### O pajé - lendário e sinistro

Osvaldo Orico, em seu "Vocabulário de Crenças Amazônicas", dá um retrato completo desse personagem estranho do nosso folclore:

"Pajé — O médico, o padre, o oráculo, o depositário dos seculares conhecimentos, as funções gregas do sobrenatural. Exerce, mais variadas e delicadas. É ele quem sonda o mal, examina a molestia, quem descobre a causa e combina a receita. Aos seus olhos, experimentados e argutos, as menores coisas se revelam. Até mesmo as inexistentes criam proporções colossais, avolumam-se, enchem de espanto o paciente, a família, a maloca, a tribo. Onde ele cisma, o mal aparece. Cria evidência. É prodigioso e terrível na persuasão. Tão grande como seu poder inventivo, só o poder curativo. A seu serviço estão todos os elementos da flora, da fauna, a natureza toda combinada em pussangas, mesinhas, garrafadas, banhos, amuletos. Inspirado e atuado por entidades estranhas, que lhe emprestam autoridade incontestável, irrecorrível, absoluta, o pajé é uma necessidade imperiosa nos núcleos primitivos, o manipulador de uma tradição que sobrevive nos "passes" e nas "rezas" e em tudo que a crença popular herdou dos nossos antepassados indígenas. Mistura de mago, de charlatão, de adivinho, de conselheiro, representa um poder indiscutível, ante o qual se inclinam homens e mulheres."

**PAJÉ: BRUXO E SABIO.** Estamos cansados de saber que os dois personagens mais importantes das tribos brasileiras são o cacique, ou tuxaua, e o pajé. Os caciques parece que deixaram de existir, ou são raros e estão longe. Mas os pajés vivem lado a lado conosco: estão por aí. Em "A Planície Amazônica", Raimundo de Moraes conta bem explicadinho o que é um pajé: "O pajé amazônico é um tipo meio adivinho, meio bruxo e meio sábio. Nas malocas selvagens, de onde é originário, exerce, com doce e mística tirania, a sua rebarbativa influência, de modo que, além de médico é sacerdote. Mistura a terapêutica ao dogma, e receituário à oração. Quando lhe fracassa o rico herbanário que o rodeia nos prados e nos bosques, recorre às divindades e, em vez de xaropadas e emplastros, emprega a benzedela".

(Recortes extraídos da seção "Lendas, Mitos e Crenças do Brasil", de autoria de J.M., em diversas edições do jornal "Folha de São Paulo")